

Clima

Eventos climáticos extremos comprometem produtividade e ampliam gargalos do agro

Chuvas em excesso ou secas prolongadas impactam financeiramente as propriedades rurais

Ana Esteves

Além dos desafios financeiros, o clima permanece como uma das principais preocupações do setor agrícola, pois, após enfrentar anos marcados por estiagens provocadas pelo La Niña e pelas enchentes associadas ao El Niño, os produtores rurais convivem agora com um cenário de chuvas intensas que voltam a comprometer as lavouras. Embora a intensidade dos impactos varie conforme a região e o estágio de desenvolvimento das culturas, a recorrência de eventos extremos impede a recuperação financeira do setor e aumenta a vulnerabilidade da produção agrícola.

A repetição de eventos extremos

redefine a dinâmica de juros, oferta de crédito e seguros agrícolas: os juros subiram conforme bancos precificam maior risco, seguros de safra dobraram de custo e limites de crédito foram reduzidos.

“Seguradoras simplesmente recusam cobertura em áreas de alto risco e as instituições financeiras se concentram em grandes produtores e, sem capacidade de investir em infraestrutura de resiliência, pequenos e médios produtores descapitalizam progressivamente”, afirma o economista e professor da Escola de Negócios da Pucrs, Augusto Alvim.

Segundo o assistente técnico em culturas da Emater/RS, Alencar Rugeri, o Rio Grande do Sul vive uma sequência de adversidades que se sobrepõem e dificultam a recuperação da atividade rural. “O problema não é um único evento, mas um conjunto de fatores. Vieram as enchentes, depois a queda dos preços das commodities,

produtores descapitalizados, custos elevados para fazer investimentos e agora novamente episódios de chuvas intensas. Esse conjunto torna a recuperação muito mais difícil”, afirma.

Rugeri acrescenta que entre os impactos das chuvas intensas nas lavouras está a perda da qualidade física do solo que leva à redução da produtividade das culturas. Quando grandes volumes de água se concentram em poucas horas, ocorre erosão, perda de nutrientes, assoreamento e destruição parcial da estrutura do solo. O resultado é uma menor capacidade de infiltração da água, aumento do escoamento superficial e redução da produtividade das lavouras. Segundo ele, mesmo propriedades que adotam práticas conservacionistas sofrem quando os volumes de chuva fogem completamente dos padrões históricos. “Em algumas regiões havia terraceamento e outras práticas de conservação, mas os volumes foram

tão elevados que acabaram rompendo essas estruturas”, diz.

Embora não exista uma solução capaz de eliminar completamente os prejuízos causados por eventos extremos, a Emater defende que parte significativa das perdas pode ser reduzida por meio do manejo conservacionista do solo, como a manutenção permanente da cobertura vegetal, rotação e sucessão de culturas, plantio em nível, descompactação do solo e sistemas eficientes de terraceamento. Segundo Rugeri, essas práticas aumentam a infiltração da água, reduzem a erosão e melhoram a capacidade do solo de suportar tanto períodos de estiagem quanto de excesso de chuva. “Solo coberto o tempo inteiro é uma condição fundamental. Quanto melhor for a estrutura do solo, maior será sua capacidade de enfrentar tanto a seca, quanto os períodos de chuva intensa”.

Além do monitoramento das lavouras, a Emater desenvolve atualmente



Alencar Rugeri

um amplo levantamento sobre a qualidade dos solos agrícolas do Estado. O estudo reúne cerca de 100 mil análises regionalizadas e deverá servir de base para identificar os principais problemas físicos e químicos das áreas agrícolas, orientando futuras políticas de recuperação da fertilidade e conservação.

Segundo Alencar Rugeri, o levantamento permitirá um diagnóstico detalhado da situação dos solos gaúchos após anos de eventos climáticos extremos. “O diagnóstico mostrará onde estão os principais problemas. A partir daí será possível definir estratégias mais eficientes para recuperar a capacidade produtiva das diferentes regiões”, diz.

Conteúdo produzido pelo Núcleo-i para Sicredi
Conteúdo multimídia patrocinado

Sucessão no campo com apoio do cooperativismo

A família Bandeira, de Ajuricaba, atua há 29 anos no agro-negócio, com produção de soja, milho, trigo, aveia, canola e leite. Formado por seis integrantes, o grupo é associado ao Sicredi há 27 anos. O produtor Mauricio Bandeira relata que o processo de sucessão familiar teve origem no exemplo dos pais, também agricultores. Segundo ele, “desde a formação da própria família, em 1997, houve o incentivo para que os filhos permanecessem na atividade, com foco em compromisso, respeito aos recursos naturais, ética e responsabilidade”.

Atualmente, o filho mais velho, Matheo, ao lado da esposa Jessica, dá continuidade ao negócio. De acordo com Mauricio, a nova geração mantém os valores familiares e incorpora inovações e tecnologias à produção. O produtor destaca, no entanto, desafios no processo sucessório. “Está muito difícil seguir com a sucessão familiar, porque as famílias estão ficando menores, e muitas vezes os filhos saem para estudar, escolhendo outras profissões menos trabalhosas, optando por não

seguir o negócio familiar”, explica. Outro desafio para seguir a sucessão, conforme Matheo, são os limites entre a relação familiar e a relação profissional.

Para a família, a participação das novas gerações contribui para a modernização da atividade rural, especialmente pelo domínio tecnológico. “Vemos que as novas gerações vêm trazendo inovações para o campo”, afirma Matheo. Na avaliação dos Bandeira, o cooperativismo e o Sicredi têm papel relevante ao viabilizar investimentos, apoiar a realização de projetos e fortalecer a permanência dos jovens no meio rural, com mais segurança e perspectiva de crescimento.

Protagonista no desenvolvimento rural do RS

No Plano Safra 2026/2027, o Sicredi reforça seu compromisso com quem está no campo ao disponibilizar R\$ 72,1 bilhões em crédito rural, distribuídos em cerca de 340 mil operações — crescimento de 4,4% em relação ao ciclo anterior. Com uma carteira agro que soma R\$ 121 bilhões, a instituição se



Associados do Sicredi há 27 anos, a família de Ajuricaba vê no cooperativismo um apoio importante para seguir investindo no campo e manter os filhos na atividade rural

mantém como a principal financiadora privada do setor no País, com foco em apoiar o planejamento, a produção e a continuidade das atividades rurais.

Os recursos contemplam diferentes necessidades do produtor, com previsão de R\$ 27,6

bilhões para custeio, R\$ 15,4 bilhões para investimentos e R\$ 2 bilhões para comercialização e industrialização, além de R\$ 18 bilhões via CPR e R\$ 9 bilhões em operações em moeda estrangeira. Desse total, a maior parte segue direcionada a pequenos

e médios produtores, base da economia rural, que devem concentrar 88% das operações, fortalecendo a agricultura familiar, incentivando a sucessão no campo e garantindo mais segurança e perspectivas de crescimento para as próximas gerações.